

Simulado Preparatório – Prova Mérito 2018 | Parte Específica PEB I

Livros e Artigos da Resolução SE 49

1 – C

Com tal descoberta, os indianos conseguiram a proeza de, com apenas 10 algarismos, escrever qualquer número, por maior que ele seja. O sucesso desse sistema deve-se ao fato de tornar os cálculos numéricos muito mais fáceis, provocando uma verdadeira revolução na aritmética. Ele é denominado sistema de numeração decimal, pelo fato de trabalhar com agrupamentos de 10.

2 – C

Na obra, Números naturais e operações de Célia Maria Carolino Pires, a autora se refere aos PCNs como a busca de parâmetros comuns para o ensino da matemática logo após a aprovação da LDB. Os PCNs indicam atividades de sala de aula relacionadas ao uso que os alunos já fazem dos números, desse modo, as atividades de leitura, escrita, comparação e ordenação de notações numéricas deveriam tomar como ponto de partida os números que a criança conhece. As proposições I, II e III indicam caminhos nesse sentido. O texto, (PCNs), alertava para a inadequação de apresentar-se prematuramente às crianças uma análise formal da constituição da escrita numérica e de denominações como unidades, dezenas e centenas. Embora isso possa parecer simples e natural do ponto de vista do adulto, que já conhece as regras de formação do sistema de numeração, o que se observa é que os alunos apresentam dificuldades nesse trabalho, deixando o professor sem compreender por que isso acontece.

3 – C

Em matemática, um conjunto é fechado em relação a uma dada operação quando o resultado dessa operação em elementos desse conjunto é ainda um elemento desse conjunto.

Na adição: Sempre é possível achar um número natural que é a soma de outros dois números naturais, motivo pela qual, em matemática se diz que a adição tem a propriedade do **fechamento**. A adição de números naturais também é **associativa** $(a+b) + c = a + (b+c)$; ela também é **comutativa**: $a+b=b+a$; ela tem o zero como o **elemento neutro**: $a + 0 = 0 + a$.

Na subtração: não tem a propriedade do **fechamento**, pois, a diferença de dois outros números naturais pode resultar em um número que não seja natural, pois o resultado pode ser negativo (número negativo não é um número natural); não é associativa pois $(7-6) - 5 \neq 7 - (6 - 5)$; não é **comutativa**, pois $6 - 5 \neq 5 - 6$; não tem o zero como **elemento neutro** pois $6 - 0 \neq 0 - 6$.

Na multiplicação: A multiplicação de dois números naturais resulta sempre em outro natural, assim, tem a propriedade do **fechamento**. Ela é **associativa**, pois $(a \times b) \times c = a \times (b \times c)$; Ela é comutativa pois $a \times b = b \times a$; ela tem o número 1 como elemento neutro: $a \times 1 = 1 \times a$; ela tem a propriedade distributiva em relação à adição $(a + b) \times c = a \times c + b \times c$.

Na divisão: Nem sempre é possível achar um número natural que seja o quociente (resultado da divisão) de dois outros números naturais, ou seja, não possui a propriedade do **fechamento**. Não é associativa, pois $(12 \div 3) \div 4 \neq 12 \div (3 \div 4)$; não é **comutativa**, pois $6 \div 2 \neq 2 \div 6$; não tem o 1 como elemento neutro, pois $6 \div 1 \neq 1 \div 6$.

4 – E

Estágio sensorio motor (mais ou menos de 0 a 2 anos): a atividade intelectual da criança é de natureza sensorial e motora; **Estágio pré-operatório** (mais ou menos de 2 a 7 anos): a criança desenvolve a capacidade simbólica, começa a curiosidade; é quando surgem as perguntas “por quê?”, “como?”, “o que é isto?”, também é quando

aparecem o pensamento intuitivo; **Estágio das operações concretas** (mais ou menos dos 7 aos 11 anos): a criança está ligada ainda a objetos reais, concretos, mas já é capaz de passar da ação à operação, que é uma ação interiorizada; **Estágio das operações formais** (mais ou menos dos 11 anos em diante) ocorre o desenvolvimento das operações de raciocínio lógico. A criança é capaz de pensar usando abstrações.

5 – B

A opção didática do professor de considerar o que as crianças sabem indica uma pedagogia centrada no aluno/criança, estabelecendo uma relação horizontal de respeito entre professor – aluno. A autora, Célia Maria Carolino Pires, aborda pesquisas de referência para o ensino e aprendizagem de números e operações. Abordamos os aspectos principais das pesquisadoras Délia Lerner e Patrícia Sadovsky nesta questão, mas destacamos também a contribuição de Piaget, sua classificação do conhecimento em três tipos: conhecimento físico, lógico-matemático e o social. Ressalta que, o fato da criança dominar a sequência de palavras “um, dois, três” não implica que ela saiba relacionar a palavra com a quantidade, quando um professor solicita à criança que quantifique objetos, deve-se preocupar com o pensamento dela, sugerindo, por exemplo, que pegue um livro para cada colega da classe, assim para quantificar objetos é necessário que se crie uma ordem mental para efetuar a contagem. Segundo Piaget, o conceito de número é construído individualmente a partir das relações que a criança estabelece entre os objetos, na sua leitura de mundo. Nesse caminho, quanto mais diversificadas as experiências, melhores são as possibilidades de ampliação das estruturas responsáveis pelo desenvolvimento cognitivo. Neste sentido Constance Kamii reforça que a situação em que as crianças estão jogando em grupo e uma delas é corrigida por outra é uma ocasião de aprendizagem bem melhor do que inúmeras lições no caderno ou folhas impressas. “Nos jogos em grupo as crianças estão mentalmente muito mais ativas e críticas e aprendem a depender delas mesmas para saber se seu raciocínio está correto ou não”.

6 – A

No sentido de refletir sobre o como ensinar números e operações às crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a autora elenca três momentos especiais: a definição das expectativas de aprendizagens que se pretende que os alunos construam; a consideração de hipóteses sobre as potencialidades e os desafios inerentes às idades dos alunos na construção desses conhecimentos; um plano de atividades que, hipoteticamente, sejam interessantes e potencialmente ricas para possibilitar aos alunos a construção das expectativas esperadas. No âmbito do planejamento das atividades, é fundamental a criação de um ambiente alfabetizador matemático, privilegiando-se as situações de aprendizagem em que o estudo dos números seja uma continuação das experiências numéricas que as crianças vivenciam em seu cotidiano. Para Cecília Parra e Irma Saiz, o cálculo mental é um conjunto de procedimentos em que, uma vez analisados os dados a serem tratados, estes se articulam, sem recorrer a um algoritmo (operação) preestabelecido para obter resultados exatos ou aproximados. Para o pesquisador Gerard Vergnaud, um campo conceitual pode ser entendido como um conjunto de problemas, situações, conceitos, relações, estruturas, conteúdos e operações de pensamento, informais e heterogêneos, ligados entre si. Por exemplo, problemas aditivos e subtrativos não podem ser classificados separadamente, pois fazem parte de uma mesma família. Assim, o estudo da adição e da subtração deve ser proposto, ao longo do Ensino Fundamental, juntamente com o estudo de números e com o desenvolvimento do cálculo estrito e mental. Um dos objetivos da obra de Michel Fayol é o de expor a origem e o funcionamento das atividades que conduzem à enumeração por meio do componente linguístico que permite a denominação de número, muitas vezes a

criança dá respostas errôneas por não compreender o que foi solicitado verbalmente, o que mostra a influência da linguagem nos resultados.

7 – C

1 - Dolz e Schneuwly apresentam uma proposta de progressão curricular (ou seja, de organização temporal do ensino) baseada na noção de gênero. A respeito dessa proposta, **assinale a opção correta.**

A - A ideia central da proposta é a de recuperar a tradição escolar segundo a qual os gêneros a serem ensinados são a descrição, a narração e a dissertação, nessa ordem.

Incorreta. Não podemos confundir tipos de texto com gêneros textuais. Descrição, narração e dissertação são exemplos de tipos de texto. Tradicionalmente eram ensinadas as propriedades de cada tipo em sala de aula, passando o texto a ser “pretexto” para o ensino da gramática normativa e da gramática textual. A crença era de que “quem sabe as regras, sabe escrever. Estes tipos de texto eram produzidos abstratamente, pois a forma era o que guiava a escrita, mais do que o contexto ou as finalidades da produção.

Cabe destacar ainda, a dificuldade de se produzir um tipo de texto usando a especificação estrita de cada um. Por exemplo, ao se escrever ou ler uma narrativa, é comum encontramos elementos descritivos. Uma dissertação tem elementos descritivos, argumentativos, às vezes narrativos.

B - De acordo com essa proposta, cada gênero deve ser abordado uma só vez na progressão curricular, de maneira completa e aprofundada.

Incorreto. Abordar cada gênero uma só vez na progressão curricular contraria princípios linguísticos e de concepção de aprendizagem dos autores. A proposta é que sejam facilitadas as escolhas de gêneros adequados para cada série levando em conta os saberes dos alunos e as sequências didáticas que envolvem as diferentes situações comunicativas. Portanto, uma progressão em espiral para o ensino dos gêneros textuais alcançará melhores resultados, rompendo-se a ideia de linearidade dos conteúdos a serem ensinados. A criação de eixos no ensino de gêneros torna possível escolher os mais adequados de cada agrupamento para cada série, retomando a cada ano e ampliando as capacidades dos alunos.

É preciso compreender que a progressão não está no encadeamento dos gêneros, mas, sim, nos tempos e movimentos de aprendizagem dos alunos, tendo em vista a conquista da autonomia leitora e escritora.

C - Os autores propõem o agrupamento de gêneros, levando-se em conta as finalidades sociais, as diferenças tipológicas e as capacidades de linguagem implicadas nos diversos gêneros.

Correto. Cabe destacar a intenção dos autores: definirem as capacidades de linguagem globais em relação às tipologias existentes.

D – O ideal é que se trabalhe com gêneros individuais, pois a base do trabalho escolar é favorecida quando se isolam e exploram as dificuldades dos conteúdos para melhor rendimento dos alunos.

Incorreto. Considerando que o número de gêneros é quase infinito, os agrupamentos que mobilizem capacidades de linguagem semelhantes facilitam a aprendizagem, entre outros motivos, por se aproximarem de situações comunicativas reais. Lembremos: sem os gêneros, não há comunicação e, portanto, não há trabalho sobre a comunicação. No dia a dia lidamos ao mesmo tempo com diversos gêneros textuais. Desta forma, os autores propõem que se trabalhe com cinco agrupamentos: narrar, relatar, argumentar, expor e descrever ações. Vale destacar que tais agrupamentos não são categorias estanques, mas tênues, posto que alguns gêneros podem ser trabalhados em mais de um deles. O gênero relatório, apesar de seu nome remeter imediatamente à capacidade do relatar, apresenta algumas características da ordem do expor.

E – A proposta de progressão curricular baseada no gênero diz respeito especificamente à progressão interciclos.

Incorreto. Tomando como referência as ideias de Cesar Coll os autores defendem que as decisões sobre a progressão ocorra em dois níveis:

- a progressão interciclos
- a seriação temporal dos objetivos e conteúdos em cada ciclo.

8 – C

Schneuwly e Dolz (2004, p. 60-61), em obra dedicada aos gêneros orais e escritos na escola, mencionam como exemplos de gêneros orais e escritos:

A - fábula, diário, cinema, rádio etc.

Incorreto. Fábula e diário são exemplos de gêneros orais e escritos, mas cinema e rádio são lugares de circulação onde diversos discursos são veiculados dentro da esfera artística.

B - biografia, fábula, discos, livros etc.

Incorreto. Biografia insere-se na tipologia relatar, é exemplo do domínio da documentação e memorização das ações humanas. Fábula exemplifica a cultura literária ficcional na tipologia da narração. Já discos e livros não são gêneros textuais, são portadores dos discursos orais e escritos respectivamente.

C - fábula, biografia, piada, notícia etc.

Alternativa correta.

A fábula e a piada fazem parte da cultura literária ficcional (narrar).

A notícia e a biografia são exemplos do domínio da documentação e memorização das ações humanas. A tipologia é o relato.

D - piada, internet, notícia, discos etc.

Incorreto. Piada: narrativa – domínio social de comunicação da cultura literária ficcional. Internet: lugar de circulação dos discursos. Notícia: exemplo do domínio da documentação e memorização das ações humanas, tendo o relato como tipo. Discos: portadores dos discursos orais.

E - linguagem técnica, livros, contos, televisão etc.

Incorreto. A linguagem técnica utiliza-se de termos universais e científicos, padrão culto e não coloquial. Pode ser utilizada em diversos domínios sociais da comunicação, por exemplo nas discussões de problemas sociais controversos (argumentar), na transmissão e construção de saberes (expor). Livros – portador. Televisão: Lugar de circulação. Contos: cultura literária ficcional (narrar).

9 – B

(VUNESP/2009) De acordo com Dolz e Schneuwly, a impossibilidade de se trabalhar o oral separadamente da escrita decorre do fato de que

A - A escola deve considerar que a escrita tem precedência sobre as formas orais da língua.

Incorreto. Ao chegar à escola a criança já vivenciou e se utilizou de diversos atos de comunicação verbal espontânea. É na escola que aparecerão circunstâncias de uma comunicação mais complexa, principalmente a escrita.

B - os alunos, antes de aprender a ler, aprendem a interpretar oralmente textos escritos.

CORRETO. Antes mesmo de aprender a ler convencionalmente os alunos, imersos em um mundo fortemente marcado pela escrita, interpretam o escrito mediados pelo adulto leitor. É comum por exemplo as crianças anteciparem a história ao verem a capa de um livro conhecido ou a reconhecer no supermercado um determinado produto usado em sua casa ao identificar o seu rótulo, ou ainda a compreender uma cantiga ou uma parlenda que se lê para ela. Ou ainda quando identifica o nome de um estabelecimento comercial pela sua logomarca...

C - o objetivo da escola é supervalorizar as marcas do oral em comparação com as características da modalidade escrita.

Incorreto. No currículo escolar devem constar como igualmente importantes tanto as produções orais quanto as escritas, porque ambas constituem práticas de linguagem que devem ser intencionalmente ensinadas.

D - o oral, por suas especificidades linguísticas, por si só, não pode se constituir como objeto legítimo de ensino.

Incorreto. Cada gênero oral – assim como também o escrito – deve ser explorado e valorizado pela escola estudando-se todas as suas especificidades linguísticas, porque cada um deles atende a diferentes finalidades nas interações sociais.

E - as situações de comunicação no âmbito escolar devem seguir os mesmos modelos experimentados pelo aprendiz fora da escola.

Incorreto. A instituição escolar deve cumprir a função social de ensinar intencionalmente seus alunos. Ao contrário da vida fora da escola em que, em geral a aprendizagem se dá de forma mais espontânea, na escola a exigência é de construção de novas capacidades e habilidades, ampliando as possibilidades dos alunos. Isso não significa uma ruptura entre o aprendido fora e o aprendido dentro da escola, mas da criação de uma zona proximal de desenvolvimento.

10 – E

Sobre as ideias de Dolz e Schneuwly é INCORRETO o que se lê em:

A – No que concerne às práticas de linguagem, sua apropriação começa no quadro familiar, mas certas práticas, em particular aquelas que dizem respeito à escrita e ao oral formal, realizam-se essencialmente em situação escolar.

B - O trabalho baseado em gêneros do discurso favorece a integração entre práticas de leitura, escrita e análise da língua (incluindo a gramática, que pode ser trabalhada de modo contextualizado).

C – Apoiando-se em Vygotsky os autores opõem-se ao *objetivismo* que defende o desenvolvimento por associação e acúmulo de respostas, desvalorizando-se, assim, o papel ativo e transformador do sujeito.

D – O “interacionismo instrumental” é uma teoria que analisa as intervenções intencionais dos professores em função de um projeto, distinto da esfera cotidiana de experiência do aluno, e estuda não só os ajustes retrospectivos para assegurar a continuidade das aprendizagens, mas, sobretudo, o efeito dos ajustes prospectivos.

E – As sequências didáticas instauram uma primeira relação entre um *projeto de apropriação* de uma prática de linguagem e os *instrumentos* que facilitam essa apropriação. Desse ponto de vista, elas buscam a assimilação das práticas da linguagem de forma que, ao final do ano se tenha um grupo de alunos heterogêneo e com importantes habilidades de interação social.

Errada. As sequências didáticas buscam confrontar os alunos com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais, para lhes dar a possibilidade de reconstruí-las e delas se apropriarem. Não há assimilação passiva. Nessa perspectiva teórica é impossível e indesejável a pretensão de grupos heterogêneos.

O contido nas demais alternativas está correto.

11 – D

Para que as expectativas de aprendizagem dos alunos em relação às práticas de produção de texto possam ser concretizadas é necessário que se planeje e organize situações didáticas. Para Dolz e Schneuwly as situações didáticas se articulam por meio de uma estratégia, válida tanto para a produção oral como para a escrita, chamada sequência didática, a saber, uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem. Sobre os procedimentos didáticos é correto o que se afirma em:

I. Atividades em que um único gênero textual seja apresentado aos alunos a cada ano do ciclo. O gênero selecionado deve ser explorado em toda sua

complexidade e aprofundamento. Isto deve acontecer dentro de uma sequência didática que priorize a leitura pelo professor.

Incorreto. Selecionar um único gênero textual para cada ano do ciclo seria empobrecer e artificializar o trabalho de ensino e de aprendizagem. Na nossa cultura circulam vários gêneros, por exemplo: notícias, classificados, receitas culinárias, receitas médicas, bulas de remédios, contos de fadas, verbetes de dicionário, fábulas, mitos, lendas, anúncios publicitários, biografias, contos de aventura, poemas, cartas, cartas de leitores, bilhetes, entre tantos outros. Para cada gênero citado, temos uma infinidade de textos elaborados. Ainda que os alunos inicialmente não relacionem o texto ao gênero ou mesmo que sejam incapazes de lê-los com autonomia, já chegam à escola familiarizados parcialmente com as suas diferentes funções e organizações discursivas.

Tanto a complexidade do gênero quanto a do texto selecionado devem se ajustar aos saberes dos alunos. São vários os gêneros a que se dão atenção especial em cada ano do ciclo e, num movimento espiralado, um gênero já estudado anteriormente pode ser retomado em outro ano / ciclo com novos textos e novos portadores. A leitura pelo professor é apenas uma das situações didáticas previstas para a aprendizagem.

II. Atividades em que o professor assuma a posição de escriba para que os alunos produzam um texto oralmente com destino escrito, levando-os a verificar a adequação do escrito do ponto de vista discursivo, relendo em voz alta, levantando os problemas textuais;

Correto. A reescrita é uma atividade de produção textual com apoio. É a escrita de uma história cujo enredo é conhecido e cuja referência é um texto escrito. Quando os alunos aprendem o enredo, junto vem também a forma, a linguagem que se usa para escrever, diferente da que se usa para falar. A reescrita é a produção de mais uma versão, e não a reprodução idêntica. Não é condição para uma atividade de reescrita – nem é desejável – que o aluno memorize o texto. Para reescrever não é necessário decorar: o que queremos desenvolver não é a memória, mas a capacidade de produzir um texto em linguagem escrita. Enquanto atua como escriba o professor vai chamando atenção para aspectos importantes da textualização: uso de marcadores temporais, elementos de substituição, encadeamento lógico dos acontecimentos, adequação de linguagem, etc.

III. Atividades de escrita ou reescrita em duplas, em que o professor orienta os papéis de cada um: quem dita, quem escreve e quem revisa, alternadamente;

Correto. Do ponto de vista do ensino, o princípio (apoiado em Vygotsky) é de que o sujeito aprende em colaboração com o outro e na ação sobre e com o objeto. A reflexão em parceria vai possibilitando que o sujeito se aproxime do objeto, compreendendo-o. No trabalho em duplas a orientação do professor com definição clara sobre o papel de cada aluno na atividade proposta é fundamental. Esta ação docente deve ser sempre intencional e está atrelada ao momento de aprendizagem em que está cada aluno, além da complexidade da tarefa proposta. Na atividade de escrita ou reescrita o que está em jogo é a aprendizagem da textualização.

Na reescrita o conteúdo temático já está dado, mas exige que os alunos organizem um texto coerente e coeso.

A produção de autoria, como se pode depreender, é uma atividade muito mais complexa do que a reescrita por envolver a produção de conteúdo temático, não existe uma textualização a priori, que deve ser reproduzida. Tudo deve ser

discutido, definido, organizado e produzido.

IV. O livro didático adotado deve ser o definidor da sequência de conteúdos – gêneros e situações de comunicação – além de determinar as melhores estratégias a serem seguidas. Cabe ao professor organizar seu plano de trabalho apoiando-se exclusivamente na lógica proposta pelo autor do livro selecionado.

Incorreto, porque uma das estratégias privilegiadas na sequência didática para o ensino de práticas de produção de texto é a seleção de gêneros e de situações de comunicação ajustadas às capacidades de linguagem apresentadas pelos alunos. A concepção de ensino e de aprendizagem defendida é a aproximação a novos objetos de conhecimento considerando-se os saberes prévios do aprendiz. Os livros didáticos são escritos genericamente e somente o professor, em contato com seus alunos, guiado pelas expectativas de aprendizagem propostas pela rede e pela sondagem dos saberes dos alunos é que pode determinar e ir ajustando o caminho a ser seguido com seu grupo. Para Dolz e Schneuwly as intervenções sociais, a ação recíproca dos membros do grupo e, em particular, as intervenções formalizadas nas instituições escolares são fundamentais para a organização das aprendizagens em geral e para o processo de apropriação de gêneros em particular.

12 – E

Pré-silábica: esse esquema permite à criança relacionar, pela primeira vez, a escrita à pauta sonora da palavra.

Incorreto. Nessa hipótese a criança ainda não relaciona a escrita à pauta sonora. As ideias que as crianças constroem sobre a escrita mostram uma progressão marcada por uma lógica que pode parecer estranha para os que já sabem ler e escrever. Um percurso lógico que passa pela constituição de modos de diferenciação.

B - Luiz está na hipótese silábica sem valor sonoro convencional e Ana está na hipótese silábica com valor sonoro convencional.

Incorreto. Nem Ana e nem Luiz demonstram conhecimento sobre o valor sonoro convencional das letras ao escrever. Luiz tem menos controle do aspecto quantitativo que Ana.

C - Ambos estão na hipótese Silábica com valor sonoro, pois suas escritas nos mostram que a linha de desenvolvimento tem uma lógica interna.

Incorreto. De acordo com Ferreiro, as crianças, como seres pensantes, apresentam uma lógica interna em todas as suas tentativas de escrita. Segundo a autora, precisamos compreender como pensam para perceber esta lógica. A hipótese silábica com valor sonoro pressupõe que a criança relaciona a pauta sonora com a escrita, acreditando que, para cada emissão sonora (sílabas), basta colocar uma única letra. Neste caso, a letra escolhida – vogal ou consoante – faz parte da escrita convencional.

D - Silábica-alfabética: é a etapa da construção do sistema alfabético de escrita que distancia a representação da pauta sonora com a escrita.

Incorreto. A hipótese silábica alfabética caracteriza-se por uma transição entre a hipótese silábica com valor sonoro convencional e a hipótese alfabética. Desta forma, numa mesma palavra, ora a criança representa a pauta sonora com uma única letra, ora escreve a sílaba completa convencionalmente. Por exemplo: CMEO (Para camelo)

E - Luiz e Ana estão na hipótese silábica sem valor sonoro convencional.

Correto. Ambos utilizam letras para escrever. Sabem a diferença entre desenhar e escrever. Ainda não escrevem fazendo corresponder a pauta sonora e as letras de uso convencional, usam uma letra para cada sílaba, o que determina a hipótese silábica sem valor sonoro convencional. Ana consegue ajustar melhor o eixo

quantitativo – uma letra para cada emissão sonora e Luiz ainda tem alguma dificuldade com isso (“sobram letras ao ler”. Há clara diferenciação inter e intra figural – sabem que coisas diferentes se escrevem com letras diferentes e internamente a cada palavra também deve haver diferenciação.

13 – B

A - escrever é decodificar e compreender as funções da língua escrita na sociedade, objetivo ausente dos programas de alfabetização.

Incorreto. Escrever não é decodificar. As crianças que são orientadas pelo caminho da decodificação são as que não aprendem a ler e a escrever. Desenvolvem práticas sem sentido, penosas e altamente desestimulantes, porque deixam de ser explorados comportamentos, capacidades e estratégias fundamentais.

B - a criança pode conhecer o nome (ou o valor sonoro convencional) das letras, e não compreender o sistema de escrita.

Correto. Saber o nome das letras e o seu valor sonoro convencional não é suficiente para a aprendizagem da leitura e da escrita. Para estas práticas a criança terá de compreender que a escrita não é a transcrição da fala, mas a sua representação, apropriando-se dessa forma do sistema de escrita alfabético: ao escrever uma palavra precisará saber quais letras, quantas e em que ordem deverá utilizá-las.

C - se o professor concebe a escrita como um sistema de representação, concebe a sua aprendizagem como a aquisição de uma técnica.

Incorreto. Estas são crenças incompatíveis entre si. Sabendo que a escrita é um sistema de representação, adquirir uma técnica remeteria a um ensino mecânico, em geral apoiado na cópia sem sentido. Outros tantos procedimentos importantes seriam deixados de lado, comprometendo assim a coerência com a concepção de escrita como sistema de representação.

D - crianças copistas experientes compreendem o modo de construção do que copiam, mas não escrevem convencionalmente.

Incorreto. Crianças copistas – algumas por muitos anos – realizam um ato mecânico sem sentido, pois não compreenderam ainda o que e como a escrita representa a pauta sonora.

E - se o professor concebe a escrita como um código de transcrição, converterá a alfabetização em uma aprendizagem conceitual.

Incorreto. Enquanto a criança não compreender que a escrita é a representação da fala, enquanto o professor trabalhar com a escrita como um código de transcrição, não haverá construção do aluno como leitor e escritor de fato: o usuário da linguagem como forma de interação com o outro. Ainda nas palavras de Ferreiro: “Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem. (...) Conforme se coloque a relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, e conforme se caracterize a ambos, certas práticas aparecerão como ‘normais’ ou como ‘aberrantes’”. (p. 31)

14 – A

O sistema de representação alfabética da linguagem, o sujeito cognoscente (criança) e os procedimentos didáticos (professor).

Correto: Ferreiro defende que se considere uma tríade para o processo de alfabetização: o entendimento da escrita como representação da linguagem, o aluno como sujeito de sua aprendizagem, que pensa e já chega à escola com muitos saberes e os procedimentos didáticos do professor, porque certamente suas intervenções na gestão pedagógica expressam suas concepções teóricas.

B – O método de alfabetização selecionado, os materiais didáticos e o trabalho em grupo.

Incorreto. O conceito de método refere-se a caminho previamente selecionado, onde se segue uma ordem e uma prática determinada. Isso se opõe à observação do professor e da análise dos saberes do aluno para então planejar e orientar seus

procedimentos didáticos. A proposta de Emília não pode portanto ser considerada um método.

Os materiais didáticos selecionados e a forma como são utilizados também expressam as crenças do professor sobre como o aluno aprende.

O trabalho em grupo é valorizado pelos adeptos das ideias de Ferreiro e de outros autores, uma vez que se acredita que é na interação com o outro que se aprende.

C – O sujeito cognoscente, a neutralidade pedagógica, a escrita como predeterminação da linguagem oral.

Incorreto. O sujeito considerado cognoscente se opõe à ideia de alunos passivos, que seguem e repetem ordens sem reflexão, mecanicamente.

Reafirmamos: Nenhuma prática pedagógica é neutra. Ainda que o professor não tenha consciência da teoria que sustenta sua prática, ela nunca é neutra, pois está apoiada em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem.

Quando acreditamos que a linguagem oral predetermina a escrita, estamos presos à ideia da escrita como decodificação.

D – Ênfase na discriminação perceptual e nos exercícios de discriminação.

Incorreto. A ênfase na discriminação perceptual e nos exercícios de discriminação nega a dimensão ativa do sujeito que aprende.

Para Ferreiro, a linguagem reduzida a uma série de sons com dissociação entre o significante sonoro e o significado conduz à aquisição de uma técnica. Há então nesta abordagem um pressuposto: se não há dificuldades para discriminar sons e formas visuais e para desenhar estas formas, não deveria haver dificuldade para aprender a ler!

E – São os adultos que devem determinar quando as crianças estão aptas para aprender a ler e a escrever e o tratamento didático oferecido à alfabetização deve ser de natureza procedimental.

Incorreto. Esta ideia de que são os adultos que devem determinar quando as crianças estão aptas para aprender a ler e a escrever remete a um momento histórico – infelizmente ainda presente em algumas escolas de que ao chegar à sala de aulas o aluno nada sabe. Ou seja: se o professor não ensinou, o aluno não aprendeu. Há então uma postura prepotente e ingênua por parte do docente, que ignora que esta criança está no mundo e, como ser pensante, observa, reflete e aprende.

O tratamento didático dado à alfabetização é essencialmente conceitual. É a partir das hipóteses dos alunos sobre o sistema de escrita alfabético que as intervenções dos professores ocorrerão.

15 – B

Resposta correta: B

O que se afirma no item II está incorreto. Ao longo de seu percurso e esforço para compreender o sistema de escrita a criança vai desenvolvendo hipóteses sobre as quais pensa e reorganiza, à medida em que vai se apoiando nas palavras que tem como estáveis e vai lidando com conflitos entre o que pensa e o que vai percebendo do que lhe mostram seus colegas e a professora. A passagem de uma hipótese para outra depende da interação entre a criança e a linguagem em suas variadas formas.

Inicialmente as escritas das crianças podem se distanciar muito do sistema de escrita convencional e isso é justamente o que faz com que a criança coloque em dúvida o que sabe sobre a escrita.

Para Ferreiro, as ideias que os alunos constroem sobre a escrita (as hipóteses de escrita) são erros construtivos, ou seja, são erros necessários para que elas se aproximem cada vez mais da escrita convencional. As hipóteses de escrita superam umas às outras, em maior ou menor tempo, dependendo de como o professor organiza as situações didáticas.

Os demais itens estão corretos.

16 – B

I - Na alfabetização é preciso abandonar a visão de adulto alfabetizado e a evolução psicogenética contribui neste sentido.

Correto. Não podemos negar o grande avanço da psicogenética e as repercussões desses estudos na sala de aula. Sabemos a partir das demonstrações de Piaget e de Ferreiro – no caso da alfabetização - que a criança tem uma maneira específica de pensar e, para isso, utiliza-se de seus próprios esquemas mentais.

II - O fácil e o difícil não podem ser definidos pela ótica do adulto.

Correto. Como a criança tem sua forma própria de pensar, esta é uma questão que precisa sempre ser considerada pelo professor. Na construção do conhecimento sobre o sistema alfabético de escrita um exemplo que podemos citar é o uso das palavras monossílabas: boi, mão, pé, rã... ou de dissílabas com repetição de vogais: baba, Didi, vaca ...tão comum nas antigas cartilhas. Na perspectiva do adulto, apresentar palavras como as citadas traria maiores facilidades para os alunos. Hoje sabemos que não é assim.

III - O professor precisa conhecer como a criança aprende, mas não é necessário saber o quanto ela já sabe sobre a escrita antes de ensiná-la.

Incorreto - O professor precisa conhecer como a criança aprende, pois isso é imprescindível para que ajude seu aluno a construir seus conhecimentos. Também é necessário saber o quanto cada criança já sabe sobre a escrita antes de ensiná-la. É a partir da análise de suas hipóteses que o professor organizará para a criança ora individualmente, ora em contato com seus pares, situações didáticas que lhe ajudem a avançar no entendimento da escrita. É preciso mudar nosso olhar sobre a língua escrita e sua aprendizagem e o primeiro passo nesta direção é ver o aluno como um ser humano capaz de aprender.

IV - É preciso diferenciar os métodos ou procedimentos de ensino, pois eles estão pautados em diferentes concepções de ensino e de aprendizagem.

Correto. Na concepção tradicional de educação, um método de ensino é entendido, em linhas gerais, como um conjunto padronizado de procedimentos destinados a transmitir todo e qualquer conhecimento universal e sistematizado.

Os procedimentos de ensino que usamos diariamente na sala de aula estão comprometidos com determinadas concepções teórico - práticas. Quando selecionamos determinados procedimentos e não outros, assumimos um compromisso com um modo de ver o mundo, com a forma como acreditamos que o aluno aprende.

Ao contrário dos métodos que oferecem um caminho padronizado, os procedimentos didáticos não estão dados a priori. Para tomar decisões didáticas e planejar atividades que sejam boas situações de aprendizagem, o professor deve considerar: o nível de desafio das atividades; as intervenções pedagógicas mais adequadas; as formas de agrupamento e a seleção dos materiais. Deve num primeiro plano considerar os saberes dos alunos.

V - As atividades de leitura e escrita devem garantir o contato com as práticas socioculturais escolarizadas.

Incorreto - As práticas socioculturais escolarizadas são as que têm existência apenas dentro da escola, sendo portanto artificiais. O que se espera é que as práticas socioculturais sejam reais, guardando íntima relação com o que se lê e escreve em todas as oportunidades no mundo real. Esta é uma condição para a formação de alunos com alto nível de letramento

Está INCORRETO o contido em:

- A – I, II e III
- B – III e IV apenas
- C – Apenas V
- D – III e V apenas

E – Apenas II

Alternativas: III e V

Os demais itens da questão estão corretos:

17 – D

I - Para compreender o texto o leitor utiliza seu conhecimento de mundo e os conhecimentos do texto.

Correto. O apoio em indicadores relacionados por exemplo aos suportes onde estão os escritos ajuda a elaborar hipóteses e logo a confirmá-las. As crianças das situações 1 e 2 utilizaram seus conhecimentos prévios sobre o que poderia estar escrito e relacionaram o conhecimento das letras e seus correspondentes sonoros.

II – As duas situações são apenas ficção, uma vez que, sem o aprendizado completo e eficiente da decodificação não é possível ler.

Solé e outros autores nos revelam em suas pesquisas que os alunos que mais são ensinados a se prenderem unicamente à decodificação são os que mais apresentam dificuldades para ler. Sem a mobilização das estratégias de leitura compromete-se a construção de sentido do que se lê, contrariando então o que efetivamente significa ler.

III – Podemos considerar que crianças capazes de ler como fizeram as dos relatos acima já podem ler de tudo e conquistaram portanto autonomia nesta prática social.

Incorreto. É longo o caminho para a construção da autonomia leitora, porque o aprendizado do uso das diferentes estratégias defendidas por Solé dependem também, por exemplo, dos diferentes gêneros textuais, de suas finalidades, das intenções do leitor, da maior ou menor familiaridade do leitor com os temas abordados pelo escritor, assim como a linguagem usada que, como sabemos, também varia em função da intenção comunicativa, do gênero textual, do suporte de circulação.

IV – Para construir alunos leitores uma boa e suficiente estratégia de ensino é fazer circular e explorar na sala de aulas os mais variados portadores textuais: jornal, gibis, rótulos, revistas, folhetos de supermercado, livros infantis, etc.

Embora a circulação de diferentes portadores e de diferentes gêneros textuais seja importante e imprescindível para a proficiência leitora, só isso é insuficiente. Os procedimentos didáticos do professor precisam ser organizados para que os alunos compreendam as peculiaridades de cada portador, ajustando as diferentes estratégias em cada caso.

18 – C

A - Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. Que/Por que/Para que tenho que ler?

A. Correta. – A autora se refere às finalidades da leitura. Responder questões apontadas na alternativa ajuda o leitor a organizar e qualificar a sua ação.

B. Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. Que sei sobre o conteúdo do texto?

Correta. - Para compreender o que se está lendo é preciso ter conhecimentos sobre o assunto. Mas algumas coisas podem ser feitas para ajudar as crianças a utilizar o conhecimento prévio que têm sobre o assunto, como dar alguma explicação geral sobre o que será lido; ajudar os alunos a prestar atenção a determinados aspectos do texto, que podem ativar seu conhecimento prévio ao apresentar um tema que não conheciam. Este conhecimento prévio precisa ser aflorado e, para isso, muitas vezes a ajuda do professor é fundamental. Um procedimento didático produtivo é abrir uma roda de conversa deixando que os alunos elaborem e expressem suas hipóteses / seus saberes, apoiados no título, nas questões relacionadas ao assunto postas pelo professor. É importante ajudar as crianças a utilizarem simultaneamente diversos

indicadores: como títulos, ilustrações, o que se pode conhecer sobre o autor, cenário, personagem, ilustrações, etc. para a compreensão do texto como um todo.

C. Dirigir a atenção ao trivial, em detrimento do que pode parecer mais fundamental. Incorreta. Solé defende exatamente o contrário: é imprescindível que o professor ensine seus alunos a identificarem no texto o que é fundamental e o que é secundário. A autora enumera quatro itens para reforçar essa ideia:

1. ensine a encontrar o tema do parágrafo e a identificar a informação trivial para deixá-la de lado.
2. ensine a deixar de lado a informação repetida.
3. ensine a determinar como se agrupam as ideias no parágrafo para encontrar formas de englobá-las.
4. ensine a identificar uma frase-resumo do parágrafo ou a elaborá-la.

D. Avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o sentido comum. Este texto tem sentido?

Correta – Dialogar com as ideias do autor do texto, cruzar informações, orientar os alunos a acionar seus saberes prévios remete à busca de sentido no /do texto. Sem construção de sentido, o que se tem é apenas decodificação

E. Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a auto-interrogação. Qual é a ideia fundamental que extraio daqui?

Correta. O contido neste item - Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a auto-interrogação. Qual é a ideia fundamental que extraio daqui. – também é muito importante. Trata-se de o aluno aprender a auto-regular a sua leitura, de ir se questionando sobre o lido, antes de avançar para o fim do texto. Diante da constatação de que algo não foi compreendido, da observância de lacunas ou de inconsistências, reler o último bloco, tentando religar as ideias.

19 – B

A - formar leitores proficientes, capazes de decodificar o texto a partir das informações nele explícitas e contribuir para que os alunos tenham amplos repertórios de estratégias de compreensão leitora.

Incorreto. Ler não é decodificar. A leitura exige que se observe o texto para além do explícito, sob o risco de se comprometer a compreensão, a construção de sentido. Em qualquer texto são muitas as constatações / interpretações que precisam ocorrer: o gênero textual, o local de circulação, o suporte, as características da linguagem, as inferências... Ficar apenas na decodificação do explícito se contrapõe ao que defende Solé.

B - formar leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos de índole muito diversa e de aprender a partir dos textos, dotando os alunos dos recursos necessários para aprender a aprender.

Correto. O contido nesse item, em linhas gerais, é o que devemos construir como professores. Nada disso é possível sem que o aluno faça uso das estratégias de leitura.

C - formar leitores críticos, capazes de reconhecer os esquemas consagrados de análise das unidades linguísticas na lógica de decodificação e para integrar facilidade e prazer no ato de ler na escola.

Incorreto. Novamente aqui aparece a contradição entre a formação de leitores críticos

e a lógica da decodificação. Não é possível o prazer de ler sem construção de sentido e isso não acontece quando o foco é a decodificação.

D - que o aluno aprenda a respeitar os diversos autores, mantendo uma atitude passiva diante de suas ideias. Afinal, ainda estão se iniciando na leitura e a escola deve desenvolver uma interação texto-leitor de acolhimento das ideias dos autores.

Incorreto. Isabel Solé diz claramente em seu livro: “Aprender a ler significa aprender a ser ativo ante a leitura, ter objetivos para ela, se auto-interrogar sobre o conteúdo e sobre a própria compreensão”. Discordar das ideias do autor, dialogando com elas, aprendendo a argumentar, a defender pontos de vista, apreciar sua forma de expressão ou não, é o que se espera do leitor proficiente.

E - Para que o aluno leia cada vez com maior rapidez.

Incorreto. O ensino das estratégias de leitura não está relacionado à velocidade, mas sim à compreensão, ao diálogo com o texto, à apreciação estética. Para a compreensão do texto é necessário a combinação entre os objetivos de leitura que guiam o leitor, entre os seus conhecimentos prévios e a informação que o autor queria transmitir mediante seus escritos....

O ajuste da velocidade de leitura também se ensina e se aprende. Quanto mais sabemos sobre o assunto tratado e quanto mais familiar nos forem os recursos linguísticos usados pelo escritor, mais facilmente deslizaremos pelo texto. Também importa o gênero que se está lendo. Uma obra poética exige velocidade de leitura diferente de uma lista num texto instrucional, por exemplo.

20 – E

A - é muito difícil apresentar a leitura como uma atividade que as crianças possam compreender e compartilhar.

Incorreto. A afirmação contida nesse item subestima a capacidade das crianças e demonstra total desconhecimento do universo infantil. Desde muito cedo as crianças apreciam que o adulto leia para elas. Muito cedo são capazes de recontar a história e de conversar sobre o texto, demonstrando compreensão.

B - a leitura é uma atividade competitiva por meio da qual se ganham prêmios ou se sofrem sanções.

Incorreto – Ideia desse item sem sentido, talvez remetendo à escola de cem anos atrás. Contraria totalmente a concepção de Solé sobre como se ensina e como se aprende.

C - as situações em que “se trabalha” a leitura e as situações em que simplesmente “se lê” são indistintas do ponto de vista do ensino.

Incorreto. O livro de Solé reforça a ideia de outros autores de que se aprende a ler, lendo. Devem ser planejadas práticas de leitura com maior ou menor intervenção do professor, mas todas devem ter um propósito claro do ponto de vista do ensino. Concordar totalmente com a afirmação desse item pode nos remeter à ideia de que a intervenção do professor não é necessária, porque se ele “trabalhar” a leitura ou não, estará ensinando da mesma forma, sem distinção.

D - didaticamente, a leitura silenciosa, sem a participação do professor, é a forma de proporcionar ao aluno uma atividade que lhe dê prazer.

Incorreto. Pode e deve haver também muito prazer na leitura em voz alta, dependendo da situação didática: um jogral, uma leitura compartilhada, um texto teatral... O professor deve planejar a leitura em voz alta como umas das possíveis atividades de aula, sem que isso cause constrangimentos ao leitor iniciante.

E - Aprender a ler requer que se ensine a ler, e isso é um papel do professor.

Correto. A leitura é um procedimento que precisa ser ensinado. O fato de o aluno ter compreendido o sistema alfabético da escrita é insuficiente para a construção da autonomia leitora. Cabe aos professores a inclusão na rotina diária da prática da leitura.

21 – E

- I – Selecionar livros e textos para serem lidos na escola e em casa.
Correto. Oferecer acervo de fácil acesso aos alunos com livros de qualidade literária e permitir livre escolha para leitura ajuda a formar leitores competentes.
- II - Aprender uma série de estratégias que contribuam para a compreensão leitora.
Correto. O aprendizado e uso de estratégias, comportamentos e procedimentos apoiam a compreensão leitora e permite autonomia para continuar aprendendo.
- III – Ler para obter uma informação precisa, para aprender, para revisar o próprio texto, para se divertir e para seguir instruções.
Correto. Identificar a finalidade da leitura constitui uma das estratégias defendidas pela autora.
- IV – Participar de atividades que envolvam situações de leitura ainda que não saibam ler convencionalmente.
Correto. Situações de leitura ajustadas aos diferentes saberes dos alunos contribuem para o refinamento do ato de ler. Antes ainda de ler convencionalmente, quando participa de situações de leitura organizadas pelo professor, a criança tem oportunidade de aprender muito sobre a leitura.
- V – Privilegiar a leitura dos estudos dos textos didáticos, os quais contêm e promovem o acesso ao conhecimento válido e que será útil para a vida adulta.
Incorreto. A qualidade do trabalho literário na escola inclui a variedade de gêneros textuais e a variedade de propósitos de leitura. Os textos didáticos têm finalidades específicas. Se priorizarmos apenas estes tipos de texto empobreceremos o trabalho com a leitura. Cabe ainda perguntar: o que é conhecimento válido e útil para a vida adulta? A leitura deve ter sempre esse fim utilitarista? Vamos nos lembrar de que todo conhecimento é datado e, seja o texto que for, está sempre atrelado a uma determinada concepção, nunca é neutro.

22 – C

- A - somente as crianças de classes mais favorecidas podem desenvolver hipóteses de escrita, visto que podem comprar livros e cedo ter acesso ao mundo da cultura letrada.
Incorreto. Todas as crianças elaboram hipóteses sobre as escritas, independentemente de sua classe social. Como vivemos num mundo letrado, o acesso ao escrito está sempre presente. O que Weisz nos explica é que, ao contrário das crianças pobres, as que são mais favorecidas financeiramente acabam por ter em seu cotidiano uma presença mais intensa de contato com material escrito: “as crianças ouvem frequentemente a leitura de bons textos, ganham livros e gibis, observam os adultos manusearem jornais para buscar informações, receberem correspondência, fazerem anotações, etc.”
- B - as crianças mais pobres, por não terem tido qualquer contato com textos escritos de boa qualidade antes de entrar na escola, certamente apresentarão maior dificuldade ao serem alfabetizadas.
Incorreto. Não podemos estabelecer esta relação de causa e efeito: pobreza – insucesso escolar. Cabe à escola e ao professor organizar situações didáticas que considerem os saberes prévios dos alunos. Se a criança teve pouco contato com material escrito até então, cabe à escola oferecer materiais selecionados a partir da sua qualidade literária e da variedade dos seus gêneros textuais. Deverá haver grande preocupação do professor em permitir a aproximação da criança à cultura escrita.
- C - as reflexões e as hipóteses de escrita desenvolvidas pelas crianças mais pobres são do mesmo tipo que as desenvolvidas pelas crianças que têm contato com livros antes de entrar na escola.
Correto. Todas as crianças refletem sobre a escrita e elaboram hipóteses sobre o que e como algo está escrito. O que muda é que, como “essas práticas (letradas) habitualmente não fazem parte do cotidiano do seu grupo social de origem, costumam

iniciar a escolarização em condições muito menos vantajosas do que aquelas que participam de práticas sociais letradas desde pequenas.”

D - as crianças que, na família, criam um bom repertório de escrita de palavras conhecidas antes de entrar na escola não apresentam qualquer vantagem em relação às demais crianças.

Incorreto. As experiências com leitura e escrita antes do ingresso das crianças na escola lhes permite construir um repertório de letras ou palavras – ou mesmo da função social da leitura e da escrita: observar alguém ler e comentar uma notícia do jornal, a mãe seguir uma receita para cozinhar, ou organizar uma lista do que deve comprar no supermercado... Para Weisz, isso tudo dá sustentação à reflexão das crianças, ajuda-as a pensar sobre características do sistema de escrita e representa uma enorme vantagem quando elas são oficialmente iniciadas na alfabetização.

E - apenas as crianças pobres, por não terem geralmente acesso à escrita em seu grupo social, possivelmente escrevem MULECI – para a palavra moleque, mesmo após a professora ter apresentado a palavra com sua escrita convencional.

Incorreto. A escrita de MULECI para moleque pode ocorrer independente da classe social da criança. Trata-se de uma escrita, que embora não seja convencional, revela uma elaborada reflexão da criança e seu esforço para grafar a palavra. A forma como o professor vai lidar com o “erro” do aluno diante dessa escrita – é bom lembrarmos - expressa sua concepção de aprendizagem.

23 – D

A - livro

Incorreto. O livro é um objeto / instrumento de ensino importante, mas não podemos dizer que, sem ele, o ensino não pode ocorrer. Sem dúvida que propiciar contato das crianças com a materialidade do texto é imprescindível, mas ela pode ser buscada em outros suportes.

B - poder.

Incorreto. Todas as relações humanas são, de certa forma, marcadas por determinadas relações de poder. De que poder se está falando aqui, especificamente? Do poder de quem sabe sobre quem sabe menos? Do poder disciplinar? ... São muitos os estudos e diversos os autores que, ao longo do tempo, veem se debruçando sobre esta temática. (Cf, Saviani, Tragtenberg...). O professor é agente de reprodução social, mas é também agente da contestação, da crítica. Levando em conta a grande ênfase que se dá à escola democrática para a formação do sujeito, não podemos considerar como certa esta alternativa.

C - vocação.

Incorreto. Pensar na profissão do professor como vocação é não considerar todas as singularidades deste profissional, desse agir na sala de aula com os alunos. Trata-se de uma visão estereotipada, que de certa forma menospreza a própria profissão, uma vez que oculta o grande e permanente esforço exigido para nossa qualificação. Vocação está ligada à ideia de “dom” como se já nascêssemos professores.

D - avaliar.

Correto. Esta questão é muito tratada no livro de Telma Weisz, porque defende a ideia de que um bom plano de trabalho do professor deve ter como ponto de partida a pergunta: “o que o aluno *já* sabe sobre este assunto?” - Concepção **Construtivista**: conhecimento como produto da ação e da reflexão do aprendiz. A avaliação aqui - cuidado! - não é aquela com a finalidade de atribuir uma nota ou conceito, mas de investigar os saberes prévios do aluno, a partir dos quais o professor vai então organizar situações didáticas que o desafiem e apoiem para que ele avance na construção de seu conhecimento.

E - internet.

Incorreto – Embora a internet venha tomando uma espaço cada vez maior na sociedade como um todo, não podemos apontá-la como imprescindível no sucesso

da aprendizagem. A ferramenta em si não resolve as questões de ensino e de aprendizagem se o professor não dominar o seu uso para fins didáticos, levando em conta os saberes dos alunos e a especificidade de cada área de conhecimento.

24 – A

A - garantir a máxima circulação de informações em sala de aula, apresentando situações e materiais diversos, promovendo interação entre os alunos e situações que favoreçam a ação do aprendiz sobre aquilo que é seu objeto de conhecimento.

Correto. Ao contrário da escola tradicional na qual imperava o individualismo e pouco ou nenhum contato dos alunos uns com outros, a autora defende que quanto mais informações / trocas circularem na sala de aulas mais facilmente haverá construção de conhecimento. Para ela, os alunos não aprendem apenas com o professor, mas também na interação uns com outros. Não se trata de qualquer interação, mas daquelas que envolvem situações planejadas para que o aluno pense continuamente sobre o objeto de conhecimento, colocando em dúvida, testando, defendendo suas hipóteses.

B - propor questionários individuais nos quais os alunos possam mostrar aquilo que já sabem, situando os conteúdos que ainda não aprenderam, para posteriormente perguntar ao professor, sem atrapalhar o aprendizado dos demais colegas.

Incorreta. Este item retrata uma imagem de escola e de relação do ensino com a aprendizagem oposta à defendida no livro de Telma Weisz. Questionários individuais para se mostrar não o que se sabe mas o que não sabe (ideia de pré-requisitos), o professor como único informante... tudo isso muito contestado pela autora.

C - manter um clima de ordem e silêncio na sala de aula, com pouca interação entre os alunos, para que não haja interferência de ideias e cada um possa pensar sobre temas novos, a partir dos saberes que tem e da ajuda do professor.

Incorreta. A autora propõe exatamente o oposto do que consta neste item. Ela valoriza o desenvolvimento de uma “escuta” dos saberes dos alunos para que, intencionalmente, possa propor atividades de interação com troca de ideias entre eles, com explicitação do pensamento de cada um no coletivo da sala de aulas.

D - impedir que os alunos misturem as experiências que possuem fora da escola com os conteúdos organizados didaticamente em sala de aula, para assim poderem pensar de uma forma diferente da que aprenderam na vida em sociedade.

Incorreta. É impossível conceber a escola à parte da sociedade. O aluno aprende na escola, mas também traz para a sala de aulas seu conhecimento de mundo, suas variadas experiências construídas e compartilhadas com outros – família, amigos.... Esta mistura de experiências – se bem trabalhada didaticamente – pode ser de grande valia para a aprendizagem dos alunos.

E - preparar-se bem quanto ao conteúdo a ser ensinado, antes de propor novas questões para a reflexão do aluno, de modo a não ficar vulnerável frente a dúvidas dos estudantes, já que se espera dele a orientação sobre a forma correta de pensar.

Incorreta. Não podemos negar a importância do preparo do professor, mas dizer que os estudantes esperam dele a orientação sobre a forma correta de pensar nos remete a uma proposta verticalista, autoritária, que mais uma vez centra apenas no professor a possibilidade de saber algo e menospreza a os saberes dos alunos e a interação – aprendemos com o outro.

25 – D

A – Ponto de vista adultocêntrico é a forma pela qual se costuma conceber a aprendizagem das crianças a partir da própria perspectiva do adulto que já domina o conteúdo que quer ensinar.

Correta. Nesse ponto de vista – que se contrapõe à proposta construtivista – são negados e desvalorizados os saberes e a forma de pensar dos alunos.

B - Do ponto de vista adultocêntrico, o professor, do lugar de quem já sabe, define o que é mais fácil e o que é mais difícil para os alunos e quais os caminhos que eles

devem percorrer para realizar as aprendizagens desejadas.

Correta. A autora se contrapõe a este ponto de vista. Abordagem tradicional, autoritária, prepotente.

C - Em uma sociedade letrada as crianças constroem conhecimentos sobre a escrita desde muito cedo, a partir do que podem observar e das reflexões que fazem a esse respeito.

Correta. Inúmeras pesquisas confirmam este item. As sondagens sobre os sistema de escrita são fortemente reveladoras do que sabe o aluno ao longo do desenvolvimento de suas hipóteses sobre o sistema de escrita alfabético.

D- Podemos entender conhecimento prévio e pré-requisito como sinônimos.

Incorreta. Enquanto a ideia de pré-requisitos indica restrições e condições para aprender, os conhecimentos prévios nos sugerem âncoras que “dão liga” entre o já sabido e o que se deseja saber. Esta diferença é significativa, pois interfere na ação didática do professor.

O professor que norteia seu trabalho pela crença em pré-requisito entende a aprendizagem de forma linear, numa sequência fixa de conteúdos que devem ser ensinados. A condição para aprender fica, então, condicionada e limitada por uma rigidez mental que pressupõe ser impossível aprender qualquer coisa que fira uma possível ordem pré-estabelecida nos programas escolares. Por essa ótica, a criança não seria capaz, por exemplo, de construir conhecimento sobre textos, antes que lhe fossem apresentadas todas as letras do alfabeto.

O professor que norteia seu trabalho pela crença em conhecimentos prévios acredita que, pelo simples fato de estar no mundo, o aprendiz sabe. Ele pensa, constrói impressões e conhecimento sobre tudo o que lhe foi possível acessar. A ação didática inicia-se, então, através da pergunta: o que *já* sabe o meu aluno sobre o conteúdo que desejo explorar?

Enquanto o olhar do professor que acredita em pré-requisito focaliza a falta - a ausência do aprendido - o olhar do professor que acredita em conhecimento prévio focaliza a presença, valorizando as construções mentais de seus alunos, entendendo-as como suporte para novas aprendizagens.

E – Todos os professores têm ideias, concepções e teorias que sustentam a sua prática, mesmo quando ele não tem consciência delas.

Correta. A concepção teórica do professor – mesmo quando ele não tem consciência disso – pode ser percebida ao analisar os atos do professor em relação ao que ele espera que o aluno aprenda, aos caminhos pelos quais ele acredita que a aprendizagem acontece e à forma como ele acredita que deva ser o ensino.

26 – D

I - um olhar cuidadoso sobre o que a criança errou, pode ajudar o professor a descobrir o que ela tentou fazer.

Correto. Se o professor acompanha o pensamento da criança e sabe o que ela tentou fazer, pode organizar intervenções que a ajudem a avançar. Perguntas essenciais: que decisão pode beneficiar o aluno? Por que as crianças fazem o que fazem?

II - conhecimento prévio dos alunos não deve ser confundido com conteúdo já ensinado pelo professor.

Correto. Os alunos chegam às escolas já com muitos saberes, porque estão no mundo, são seres pensantes. Conhecimento prévio: nem sempre convencional e arrumadinho. Informação externa + conhecimento prévio = construção interna

III - todas as crianças sabem muitas coisas, só que umas sabem coisas diferentes das outras.

Correto. As crianças veem de culturas diferentes, vivenciam diferentes experiências, portanto seus saberes são diferentes. O problema é que a escola valoriza *determinados* saberes em detrimento de outros, o que impede ou dificulta o diálogo com as crianças.

IV - não é possível formular receitas prontas para serem aplicadas a qualquer grupo de alunos.

Correto. Weisz nos lembra que a escola não é uma linha de montagem (1970), com valorização de Métodos / Sequência de passos. Todos aprenderiam, desde que seguissem aqueles passos. Devemos atentar aqui inclusive para a ideia do professor não pensante, cumpridor de um método, o que contribuía para a sua baixa qualificação.

V - Os erros devem ser sempre corrigidos no momento em que foram cometidos.

Incorreto. Não informar nem corrigir é abandonar o aluno, mas fazer uma marcação diante de todo e qualquer erro também não é conveniente. Para muitos: aprender é substituir respostas erradas por certas. Sabemos que ajudar o aluno a aprender vai muito além disso, porque não adianta apenas a substituição de respostas, se não houver compreensão do aluno sobre por que errou. A correção se define pelo momento da aprendizagem em que os alunos estão – KXO / CAXORO - exigem diferentes intervenções. Entre o tudo pode e o nada pode / não deixar nem a sombra do erro e o agora não é mais para corrigir: enorme espaço de atuação docente.

PUBLICAÇÕES INSTITUCIONAIS

27 – D

A - Uma das concretizações dos PCN é desvincular-se do currículo.

Incorreto. Essas diretrizes são voltadas, sobretudo, para a estruturação e reestruturação dos currículos escolares de todo o Brasil. O objetivo principal é padronizar o ensino no país, estabelecendo pilares fundamentais para guiar a educação formal e a própria relação escola-sociedade no cotidiano.

B - Os PCN no que diz respeito às orientações didáticas preveem que o professor não precisa organizar o espaço e nem adequar o currículo as necessidades do aluno.

Incorreto. A forma como o professor organiza o espaço também ensina muito ao aluno. Portanto, também é currículo. Não tem sentido uma proposta que não busque a adequação do currículo às necessidades dos alunos, principalmente porque se opõe à ideia de educação democrática.

C - Os temas transversais surgiram em outro contexto, por volta de 1988 antecedendo os PCN.

Incorreto. Os temas transversais são organizados a partir dos PCN (1966) entendendo que questões sociais devem ter tratamento didático que contemple sua complexidade e dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais. Também se busca com os temas transversais um currículo mais flexível e aberto.

D - A função dos PCN é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, sendo também um guia curricular para o professor, para a escola, enfim para o sistema educacional.

Correto. Podemos acrescentar ao item a proposição de organizar o sistema educacional do país, respeitando as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, garantindo que a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos.

E – Os PCN são tratados sempre de forma geral, sem referência específica para as disciplinas escolares.

Incorreto. Os PCN dão cuidadoso tratamento às disciplinas do currículo escolar, conforme citamos:

Os PCN de 1.^a a 4.^a série (por exemplo) estão divididos em:

Volume 1 — Introdução aos PCN / Volume 2 — Língua Portuguesa

Volume 3 — Matemática / Volume 4 — Ciências Naturais

Volume 5.1 — História e Geografia / Volume 5.2 — História e Geografia

Volume 6 — Arte / Volume 7 — Educação Física / Volume 8.1 — Temas Transversais

— Apresentação / Volume 8.2 — Temas Transversais — Ética
Volume 9.1 — Meio Ambiente / Volume 9.2 — Saúde
Volume 10.1 — Pluralidade Cultural / Volume 10.2 — Orientação Sexual

28 – E

A - Estados; o terceiro refere-se às propostas curriculares dos Municípios e o quarto nível é o momento de realização das programações das atividades de ensino e aprendizagem na sala de aula.

Incorreto. O segundo diz respeito aos Estados e Municípios. Aqui há a omissão da Instituição Escolar que constitui o terceiro nível.

B - Municípios e das instituições escolares; o terceiro refere-se às propostas curriculares implementadas nas salas de aula e o quarto nível corresponde às atividades realizadas individualmente pelos alunos.

Incorreto. O segundo diz respeito aos Estados e Municípios. Novamente omite-se o nível que corresponde à Instituição Escolar. Outro problema: a menção às atividades realizadas individualmente pelos alunos que não cabe aqui.

C - Estados e Municípios; o terceiro refere-se ao momento de realização das programações das atividades de ensino e aprendizagem na sala de aula e o quarto nível corresponde às atividades realizadas individualmente pelos alunos.

Incorreto. O terceiro e o quarto níveis não correspondem ao que orienta o documento.

D – Estados e Municípios; o terceiro refere-se às propostas curriculares de cada instituição escolar; o quarto refere-se às tarefas que os alunos realizam em suas casas, como forma de aprenderem a pensar por si mesmos.

Incorreto. O quarto nível citado no item não corresponde ao que consta no documento.

E - Estados e Municípios; o terceiro refere-se às propostas curriculares de cada instituição escolar e o quarto nível é o momento de realização das programações das atividades de ensino e aprendizagem na sala de aula.

Correto. É desta forma que os diferentes níveis são enumerados nos PCN – documento introdutório. Tais níveis não representam etapas sequenciais, mas sim amplitudes distintas da elaboração de propostas curriculares, com responsabilidades diferentes, que devem buscar uma integração e, ao mesmo tempo, autonomia. Têm como função subsidiar a elaboração ou a revisão curricular dos Estados e Municípios, dialogando com as propostas e experiências já existentes, incentivando a discussão pedagógica interna das escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de material de reflexão para a prática de professores.

29 – B

A - São elaborados pelo MEC e colocados à disposição das escolas, visando à melhoria da educação, em todo o país.

Correta. Os PCN - referenciais de qualidade - foram elaborados pelo Governo Federal em 1996. O estabelecimento de uma referência curricular comum para todo o País, ao mesmo tempo que fortalece a unidade nacional e a responsabilidade do Governo Federal com a educação, busca garantir, também, o respeito à diversidade que é marca cultural do País, mediante a possibilidade de adaptações que integrem as diferentes dimensões da prática educacional.

B - É uma proposta governamental que impõe um modelo curricular único.

Incorreta. Apesar de apresentar uma estrutura curricular completa, os Parâmetros Curriculares Nacionais são abertos e flexíveis, uma vez que, por sua natureza, exigem adaptações para a construção do currículo de uma Secretaria ou mesmo de uma escola. Também pela sua natureza, eles não se impõem como uma diretriz obrigatória: o que se pretende é que ocorram adaptações, por meio do diálogo, entre estes documentos e as práticas já existentes, desde as definições dos objetivos até as orientações didáticas para a manutenção de um todo coerente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais estão situados historicamente — não são princípios atemporais. Sua validade depende de estarem em consonância com a realidade social, necessitando, portanto, de um processo periódico de avaliação e revisão, a ser coordenado pelo MEC.

C - Sugere a adequação do currículo escolar à realidade educacional e à peculiaridade da clientela que atende.

Correto. A escola, na perspectiva de construção de cidadania, precisa assumir a valorização da cultura de sua própria comunidade e, ao mesmo tempo, buscar ultrapassar seus limites, propiciando às crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade.

D- Os temas transversais dos PCNs tratam da interdisciplinaridade, como proposta de estabelecer comunicação entre as disciplinas escolares.

Correto. As propostas curriculares oficiais dos Estados estão organizadas em disciplinas e/ou áreas. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, optou-se por um tratamento específico das áreas, em função da importância instrumental de cada uma, mas contemplou-se também a integração entre elas. Quanto às questões sociais relevantes, reafirma-se a necessidade de sua problematização e análise, incorporando-as como temas transversais.

E - Uma de suas funções é orientar e garantir a coerência das políticas de melhoria da qualidade de ensino.

Correto. O estabelecimento de uma referência curricular comum para todo o País, ao mesmo tempo que fortalece a unidade nacional e a responsabilidade do Governo Federal com a educação, busca garantir, também, o respeito à diversidade que é marca cultural do País, mediante a possibilidade de adaptações que integrem as diferentes dimensões da prática educacional. O papel da escola hoje é tomar consciência de que as práticas pedagógicas são sociais e políticas e que a relação educacional é uma relação política para a formação da cidadania e orientação para o exercício pleno da participação social, caracterizando o ser humano como um cidadão e sujeito da sua própria história.

30 – E

I - a aprendizagem de metodologias capazes de priorizar a construção de estratégias que ajudem o aluno a aprender.

Correto. O professor deve ter propostas claras sobre o que, quando e como ensinar e avaliar, a fim de possibilitar o planejamento de atividades de ensino para a aprendizagem de maneira adequada e coerente com seus objetivos. É a partir dessas determinações que o professor elabora a programação diária de sala de aula e organiza sua intervenção de maneira a propor situações de aprendizagem ajustadas às capacidades cognitivas dos alunos

II - a construção de argumentação capaz de controlar os resultados desse processo e o desenvolvimento do espírito crítico.

Correto. O que se tem em vista é que o aluno possa ser sujeito de sua própria formação, em um complexo processo interativo em que também o professor se veja como sujeito de conhecimento. É no trabalho coletivo, com a escuta uns dos outros – incluindo o professor – que vão se construindo as capacidades argumentativas e o espírito crítico.

III - ter em conta uma dinâmica de ensino que favoreça não só o descobrimento das potencialidades do trabalho individual, mas também, e sobretudo, do trabalho coletivo.

Correto. A escola, por ser uma instituição social com propósito explicitamente educativo, tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos.

Essa função socializadora remete a dois aspectos: o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural. É nessa dupla determinação que os indivíduos se constroem como pessoas iguais, mas, ao mesmo tempo, diferentes de todas as outras. Iguais por compartilhar com outras pessoas um conjunto de saberes e formas de conhecimento que, por sua vez, só é possível graças ao que individualmente se puder incorporar. Não há desenvolvimento individual possível à margem da sociedade, da cultura. Os processos de diferenciação na construção de uma identidade pessoal e os processos de socialização que conduzem a padrões de identidade coletiva constituem, na verdade, as duas faces de um mesmo processo.

IV – o estímulo à autonomia e individualismo do sujeito, para que se construa no aluno um sentimento de grande competitividade, de acordo com a sociedade que temos.

Incorreto. Todo o documento se opõe aos aspectos individualistas do sujeito, assim como a ideia de competitividade. Conceber o processo de aprendizagem como propriedade do sujeito não implica desvalorizar o papel determinante da interação com o meio social e, particularmente, com a escola. Ao contrário, situações escolares de ensino e aprendizagem são situações comunicativas, nas quais os alunos e professores atuam como corresponsáveis, ambos com uma influência decisiva para o êxito do processo. De acordo com o documento, é imprescindível o aluno perceber-se como parte de uma comunidade, de uma classe, de um ou vários grupos sociais e de comprometer-se pessoalmente com questões que considere relevantes para a vida coletiva. Essa capacidade é nuclear ao exercício da cidadania, pois seu desenvolvimento é necessário para que se possa superar o individualismo e atuar (no cotidiano ou na vida política) levando em conta a dimensão coletiva. O aprendizado de diferentes formas e possibilidades de participação social é essencial ao desenvolvimento dessa capacidade.

31 – D

I - A “pedagogia tradicional” é uma proposta de educação centrada no professor. A metodologia decorrente de tal concepção baseia-se na exposição oral dos conteúdos, numa sequência predeterminada e fixa, independentemente do contexto escolar; enfatiza-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos.

Correto. A função primordial da escola, nesse modelo, é transmitir conhecimentos disciplinares para a formação geral do aluno. Os conteúdos do ensino correspondem aos conhecimentos e valores sociais acumulados pelas gerações passadas como verdades acabadas, e, embora a escola vise à preparação para a vida, não busca estabelecer relação entre os conteúdos que se ensinam e os interesses dos alunos, tampouco entre esses e os problemas reais que afetam a sociedade. No ensino dos conteúdos, o que orienta a prática docente é a organização lógica das disciplinas, o aprendizado moral, disciplinado e forçado. O professor é visto como a autoridade máxima, um organizador dos conteúdos e estratégias de ensino e, portanto, o guia exclusivo do processo educativo.

II - A “pedagogia renovada” é uma concepção que inclui várias correntes que, de uma forma ou de outra, estão ligadas ao movimento da Escola Nova ou Escola Ativa. Como o próprio nome diz, esta tendência pedagógica, por sua atualidade, dever ser considerada a ideal, pois se contrapõe ao autoritarismo da “Pedagogia Tradicional”.

Incorreto. Essa tendência teve grande penetração no Brasil na década de 30, no âmbito do ensino pré-escolar (jardim de infância) e até hoje influencia muitas práticas pedagógicas. Embora de fato tenha significado avanços em relação à tendência anterior, recebeu e recebe ainda muitas críticas.

Em oposição à Escola Tradicional, a Escola Nova destaca o princípio da aprendizagem por descoberta e estabelece que a atitude de aprendizagem parte do interesse dos alunos, que, por sua vez, aprendem fundamentalmente pela

experiência, pelo que descobrem por si mesmos.

O centro da atividade escolar não é o professor nem os conteúdos disciplinares, mas sim o aluno, como ser ativo e curioso. O mais importante não é o ensino, mas o processo de aprendizagem.

Cabe ao professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais.

A ideia de um ensino guiado pelo interesse dos alunos acabou, em muitos casos, por desconsiderar a necessidade de um trabalho planejado, perdendo-se de vista o que deve ser ensinado e aprendido.

III - Uma outra tendência pedagógica foi muito significativa nos anos 70 e denominou-se “tecnicismo educacional”. Inspirada nas teorias behavioristas da aprendizagem e da abordagem sistêmica do ensino, definiu uma prática pedagógica que abriu as portas para o que temos hoje com as TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação.

Incorreto. No Documento de Introdução aos PCN o “tecnicismo educacional” aparece incluído na Tendência Renovada. É importante esclarecermos que, dependendo de outros autores, esta divisão entre as Tendências que marcam a “tradição pedagógica brasileira” pode parecer um pouco diferente (Cf Saviani – 1981; Libâneo - 1990), mas aqui vale o que consta nos PCN.

O tecnicismo educacional ocorre num momento histórico (anos 70) que não guarda relação com o que hoje chamamos TIC. Lembremos que nem dispúnhamos das mesmas tecnologias que temos hoje.

A proposta – importada de ideias americanas – defendia uma prática altamente controlada e dirigida pelo professor, com atividades mecânicas inseridas numa proposta educacional rígida e passível de ser totalmente programada em detalhes. O que é valorizado nessa perspectiva não é o professor, mas a tecnologia; o professor passa a ser um mero especialista na aplicação de manuais e sua criatividade fica restrita aos limites possíveis e estreitos da técnica utilizada. A função do aluno é reduzida a um indivíduo que reage aos estímulos de forma a corresponder às respostas esperadas pela escola, para ter êxito e avançar. Seus interesses e seu processo particular não são considerados e a atenção que recebe é para ajustar seu ritmo de aprendizagem ao programa que o professor deve implementar. Essa orientação foi dada para as escolas pelos organismos oficiais durante os anos 60, e até hoje está presente em muitos materiais didáticos com caráter estritamente técnico e instrumental.

IV - Na “pedagogia libertadora” a atividade escolar pauta-se em discussões de temas sociais e políticos e em ações sobre a realidade social imediata; analisam-se os problemas, seus fatores determinantes e organiza-se uma forma de atuação para que se possa transformar a realidade social e política.

Correto. Vinculada às propostas de educação de Paulo Freire, esta tendência progressista de educação foi construída a partir dos trabalhos com educação popular, na maioria das vezes não amarrada ao ensino escolar. Contudo, muitas das propostas sugeridas por esta tendência tornaram-se referências para o processo de reflexão e crítica das práticas pedagógicas desenvolvidas pela educação formal. Por sua vez, é fundamental explicitar que a pedagogia libertadora entende que a educação tem um papel primordial de transformação da sociedade, iniciando já nas relações sociais estabelecidas em seu campo.

A relação professor-aluno é ressignificada, ou seja, "quando se fala na educação em geral, diz-se que ela é uma atividade pela qual, professores e alunos, mediatizados pela realidade que apreendem e da qual extraem o conteúdo de aprendizagem, atingem um nível de consciência dessa mesma realidade, a fim de nela atuarem, num

sentido de transformação social”. (LIBÂNEO, 1994).

V - A “pedagogia crítico-social dos conteúdos” que surge no final dos anos 70 e início dos 80 se põe como uma reação de alguns educadores que não aceitam a pouca relevância que a “pedagogia libertadora” dá ao aprendizado do chamado “saber elaborado”, historicamente acumulado, que constitui parte do acervo cultural da humanidade.

Correto. A “pedagogia crítico-social dos conteúdos” assegura a função social e política da escola mediante o trabalho com conhecimentos sistematizados, a fim de colocar as classes populares em condições de uma efetiva participação nas lutas sociais. Entende que não basta ter como conteúdo escolar as questões sociais atuais, mas que é necessário que se tenha domínio de conhecimentos, habilidades e capacidades mais amplas para que os alunos possam interpretar suas experiências de vida e defender seus interesses de classe.

32 – E

I - planejar sua fala, adequando-a a diferentes interlocutores em situações comunicativas do cotidiano;

Correto. As práticas de linguagem oral integram as expectativas de aprendizagem e, para que possam ser concretizadas, é necessário que se planeje e organize situações didáticas, ajustando-as ao interlocutor e às diferentes situações comunicativas que fazem parte das práticas sociais.

II. apreciar textos literários;

Correto. O gosto pela leitura, a expressão das opiniões e dos entendimentos sobre os textos lidos, as negociações sobre os diferentes sentidos possíveis de um texto, relacionam-se com a apreciação dos textos. Um exemplo de situação didática que o professor pode planejar: Leitura diária, para os alunos, de contos, lendas, mitos e livros de história em capítulos de forma a repertoriá-los ao mesmo tempo em que se familiarizam com a linguagem que se usa para escrever, condição para que possam produzir seus próprios textos.

III. ler, sem a ajuda do(a) professor(a), diferentes gêneros (textos narrativos literários, textos instrucionais, textos de divulgação científica e notícias), apoiando-se em conhecimentos sobre o tema do texto e sobre as características de seu portador, sobre o gênero e sobre o sistema de escrita;

Correto. Inicialmente a leitura é feita com a ajuda do professor – séries iniciais – mas é necessário que o professor busque adequar situações didáticas que promovam maior nível de autonomia,

IV - compreender o funcionamento alfabético do sistema de escrita, sendo que o professor, fiel à tradição escolar, deve promover atividades para que os alunos compreendam que escrever é transcrever os sons da fala e ler implica em soletrar cuidadosamente cada uma das palavras, respeitando-se a pontuação.

Incorreto. O sistema de escrita alfabético não é uma transcrição, mas uma representação da fala. As práticas da leitura devem ser ensinadas de forma que os alunos aprendam a usar procedimentos, capacidades e comportamentos que qualificam os leitores. Não é um bom caminho incentivar a soletração.

33 – E

I - saraus literários para que os alunos possam narrar ou recontar histórias, declamar poesias, parlendas e trava-línguas, em relação às práticas de linguagem oral;

Correto. Vale atentar para o fato de que os gêneros orais também são multimodais: mobilizam outras linguagens, como a gestualidade, as expressões faciais, a prosódia etc. Situações didáticas que envolvam os saraus literários devem ser organizadas mesmo nos anos mais adiantados. Cuidado necessário: distinguir oralidade e oralização da escrita.

II. momentos em que os alunos tenham que ler histórias – para os colegas ou para outras classes para que melhorem seu desempenho neste tipo de leitura, possam

compreender a importância e a necessidade de se preparar previamente para ler em voz alta, em relação às práticas de leitura;

Correto. Momentos como os citados neste item são fundamentais para a fluência leitora. Preparar a leitura envolve procedimentos que precisam ser ensinados pelo professor. Ler, reler, ensaiar a apresentação ajustando aspectos que oferecem maior clareza a quem ouve é uma das práticas de leitura que integram as expectativas de aprendizagem.

III. atividades de escrita em que os alunos com hipóteses não alfabéticas sejam colocados para escrever textos que sabem de memória (o texto falado, não sua forma escrita) como: parlendas, adivinhas, quadrinhas, trava-línguas e canções.

Correto. O objetivo é que os alunos reflitam sobre o sistema de escrita, como escrever (quantas, quais letras usar e em que ordem) sem precisar se ocupar do conteúdo a ser escrito, em relação às práticas de produção textual. Criamos assim uma situação didática de intensa reflexão sobre o sistema de escrita.

34 – C

A - A competência da leitura e da escrita permite que os alunos possam aprender e consolidar o uso da Língua Portuguesa e das outras linguagens e códigos que fazem parte da cultura. Portanto, ela deve ser aprendida somente com os professores de Língua Portuguesa, Geografia e História.

Incorreto. Todas as áreas de conhecimento exigem a aprendizagem de práticas de leitura que precisam portanto ser ensinadas por todos.

B - A competência leitora e escritora não tem relação com o desenvolvimento do pensamento antecipatório, combinatório e probabilístico, que permite ao aluno estabelecer hipóteses, pois este depende, em especial, da atuação dos professores de Matemática, Ciências e Filosofia.

Incorreto. As operações de pensamento citadas acima não são específicas da Matemática, Ciências e Filosofia. Na leitura e escrita mobilizamos uma série de capacidades indispensáveis para a construção da proficiência leitora e escritora.

C - Só por meio da competência da leitura e da escrita será possível a constituição das demais competências, tanto as gerais, como aquelas associadas às disciplinas específicas. Por isso, é indispensável, para desenvolvê-la, que ela seja objetivo de todas as disciplinas do currículo.

Correto. Ler e escrever relaciona-se com possibilidade de concretização das demais competências – conquista de autonomia. Exige um compromisso geral de se articular as disciplinas e as atividades escolares, pois ler e escrever é compromisso de todas as áreas.

D - Dado o caráter central da competência leitora e escritora, tal competência precisa ser desenvolvida por todos os professores do 1.º ao 5.º ano. Do 6.º ano em diante, ela pode ser atribuída apenas dos Professores de Língua Portuguesa, de Língua Estrangeira Moderna e de História.

Incorreto. O desenvolvimento da competência de ler e escrever não é um processo que se encerra quando o aluno domina o sistema de escrita, mas se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas que envolvem a língua escrita e que se traduz na sua competência de ler e produzir textos dos mais variados gêneros. Quanto mais acesso à cultura escrita, maior possibilidade de construção de conhecimentos sobre a língua. Todas as áreas devem contribuir e atentarem para as especificidades dos textos de cada área de conhecimento.

E - A competência da leitura e da escrita se restringe à linguagem verbal, vernácula, e ao âmbito das tecnologias da informação, sem incluir as linguagens presentes na vida cultural e política e as dos conceitos científicos usados atualmente.

Incorreto. A aprendizagem é para a vida. A língua é um sistema discursivo que se organiza no uso e para o uso, escrito e falado, sempre de maneira contextualizada. Daí a importância do foco em práticas de linguagem que permitam aos alunos serem

de fato usuários da língua.

35 – B

A - As expectativas definem as intenções básicas de aprendizagem de um determinado processo de ensino para um determinado período de tempo. Definem a proficiência mínima que se pretende que seja constituída pelo aluno ao final de um processo de ensino específico, o qual pode ser determinado por diferentes períodos de tempo (mês, semestre, ano, segmento de ensino, por exemplo).

Correto. Ao definirem intenções do processo de ensino, apontam com clareza caminhos a seguir em cada escola. A definição de proficiências mínimas definem também o que se espera que o aluno aprenda num determinado período, definindo portanto também o que precisa ser ensinado.

B – A definição de expectativas mínimas de ensino pode restringir as possibilidades de aprendizagem dos alunos que apresentam maior facilidade de aprendizagem e, de certa forma, nivela por baixo as potencialidades de cada um.

Incorreto. Definir expectativas de aprendizagem, muito mais do que uma atividade meramente institucional – seja do Ministério de Educação, seja da Secretaria de Estadual ou da Escola -, deve ser compreendido como procedimento fundamental para orientar o processo de ensino, dotando-lhe de objetividade, clareza e progressão coerentes tanto com as concepções assumidas para orientar o trabalho educativo – em especial as relativas à aprendizagem e ao objeto de ensino-, quanto com as suas implicações didáticas.

Definir o que se pretende que o aluno aprenda está relacionado intrinsecamente com todas as concepções que orientam o trabalho educativo cotidiano em cada sala de aula. É bom lembrar ainda que, dentro de cada expectativa, é possível ao professor atentar para as possibilidades de ampliar as suas complexidades, atendendo ao perfil de cada aluno.

C – Com referência ao processo de ensino é necessário saber de que modo o aprendizado acontece, pois só tendo clareza disso podemos definir um movimento metodológico adequado ao trabalho docente.

Correto. Ajustando o movimento metodológico às características dos alunos e ao objeto de ensino o professor deve selecionar o modo de realização das tarefas mais adequado às necessidades atuais do aluno: se coletivamente, com mediação do professor; se em parceria com colegas; se de maneira independente, sempre de acordo com as apropriações realizadas pelo aluno ao longo do processo de ensino e visando ao avanço nas aprendizagens.

D – Dentre outros motivos podemos dizer que a definição das expectativas de aprendizagem considera o que o aluno pode aprender – e de que maneira - em cada momento do processo de aprendizado, de modo a atingir a competência definida para o momento.

Correto. Para que o que está exposto no item seja possível é preciso considerar ainda a especificidade do conteúdo e as possibilidades de aprendizado de cada aluno e da turma em geral; reconhecer qual o modo de organização da tarefa mais adequado para o aprendizado em cada momento do processo, sem que nenhum aluno fique para trás.

E – Uma das expectativas de aprendizagem no ciclo I relacionada ao uso da linguagem escrita é reescrever e/ou produzir textos de autoria utilizando procedimentos de escritor: planejar o que vai escrever considerando a intencionalidade, o interlocutor, o portador e as características do gênero; fazer rascunhos; reler o que está escrevendo tanto para controlar a progressão temática quanto para melhorar outros aspectos – discursivos ou notacionais – do texto.

Correto. Espera-se que ao final do ciclo I o aluno faça uso da linguagem escrita produzindo textos funcionais, com propósitos sociais, capazes de dialogar com seu interlocutor. Devem aprender a revisar distintas versões até considerar o texto bem

escrito, cuidando da apresentação final.

Para complementar e esclarecer, é importante recuperar uma diferença existente entre gênero e texto.

Os gêneros – são as formas nas quais os textos se organizam. Estas formas possuem características específicas relacionadas aos conteúdos que podem ser tratados nos textos de determinado gênero, à composição interna das informações e às suas marcas linguísticas gerais.

Os textos – são a materialidade linguística de um discurso, seja essa materialidade fônica (textos falados) seja ela gráfica (textos impressos). (K. Brakling – 2013)

36 – D

I - o conhecimento é concebido como uma cópia do real e assimilado pela relação direta do alunos com os conteúdos dos livros didáticos, pois estes conteúdos foram elaborados por parte de quem possui competência para organizar e integrar informações auxiliando os alunos na construção de novos conhecimentos.

Incorreto. O conhecimento não é concebido como uma cópia do real e assimilado pela relação direta do sujeito com os objetos de conhecimento, mas produto de uma atividade mental por parte de quem aprende, que organiza e integra informações e novos conhecimentos aos já existentes, construindo relações entre eles. Ainda que os livros didáticos tenham sido elaborados por autores especialistas nos assuntos tratados, funcionam como instrumentos de aprendizagem. As relações, a organização e integração das novas informações às já existentes são feitas pelos alunos mediados pelo professor.

II - O modelo de ensino relacionado a essa concepção de aprendizagem é o da resolução de problemas, que compreende situações em que o aluno, no esforço de realizar a tarefa proposta, precisa pôr em jogo o que sabe para aprender o que não sabe.

Correto. Compreende-se que o trabalho pedagógico promove a articulação entre a ação do aprendiz, a especificidade de cada conteúdo a ser aprendido e a intervenção didática. Há sempre um ponto de partida: o levantamento do que o aluno já sabe.

III - O objetivo maior: possibilitar que todos os nossos alunos se tornem leitores e escritores competentes. Isso nos compromete com a construção de uma escola inclusiva, que promova a aprendizagem dos alunos das camadas mais pobres da população.

Correto. A condição socioeconômica não pode mais ser encarada pela escola pública como um obstáculo intransponível que, assim, perversamente, reproduz a desigualdade. A escola precisa criar o ambiente e propor situações de práticas sociais de uso da escrita às quais os alunos não têm acesso para que possam interagir intensamente com textos dos mais variados gêneros, identificar e refletir sobre os seus diferentes usos sociais, produzir textos e, assim, construir as capacidades que lhes permitam participar das situações sociais pautadas pela cultura escrita.

IV - As finalidades, objetivos e metas, precisam ser ajustadas – inevitavelmente – ao aluno durante cada momento do processo de aprendizado.

Correto. Apenas definir as expectativas ou adotar as que já estão definidas, é necessário, mas não suficiente. No desenvolvimento do trabalho educativo cotidiano é preciso ajustá-las às necessidades atuais imediatas dos alunos, e preciso identificar seu conhecimento prévio relativo ao aspecto selecionado e, definir o que precisa aprender a respeito – naquele momento específico – para tornar-se proficiente.

37 – B

Certamente, a ênfase no ensino do cálculo envolvendo as quatro operações é uma visão bastante inadequada do que são as competências matemáticas que todas as pessoas devem desenvolver nos dias atuais. O cálculo é, naturalmente, parte integrante da Matemática, mas aprender procedimentos de cálculo isolados, por si só, não promove o contato dos alunos com as ideias e os modos de pensar fundamentais

da Matemática e não garante que eles sejam capazes de mobilizar os conhecimentos relevantes quando tiverem que enfrentar de fato, situações problemáticas mais simples surgidas em um contexto diferente. Especialmente no caso da Matemática, passou-se a falar em cidadãos quantitativamente letrados que precisam saber mais do que fórmulas e equações. Novos conceitos de alfabetização estão inevitavelmente ligados à ideia de aprendizagem ao longo da vida. No caso da Matemática, as tradicionais “competências de cálculo” estão longe de corresponder às exigências da nossa sociedade atual e daquilo que poderíamos considerar "ser matematicamente alfabetizado".

38 – C

Todos os aspectos apresentados constituem ambientes favoráveis para as aprendizagens e o desenvolvimento na matemática. Os alunos devem ser incentivados ao diálogo, à troca entre os pares. Nesse sentido, trabalhos em grupos, incentivando-os à discussão, à expressão dos seus pontos de vista, são promotores de um ambiente alfabetizador matemático.

39 – A

Constituem exemplos de **tratamento da informação previstos para alunos do quarto ano**: Ler informações de tempo e temperatura em diferentes registros; Ler e interpretar dados sobre medidas de comprimento, usando tabelas simples ou de dupla entrada; Coletar e organizar dados sobre medidas de massa, usando gráficos de linhas, de colunas ou de barras; Ler e interpretar gráficos simples de setores; Ler e interpretar tabelas simples e gráficos de linhas; Identificar as possíveis maneiras de combinar elementos de uma coleção e de contabilizá-las usando estratégias pessoais; Explorar a ideia de probabilidade em situações-problema simples; Explorar situações-problema que envolvam noções de combinatória e probabilidade.

40 – C

As expectativas definem as intenções básicas de aprendizagem de um determinado processo de ensino para um determinado período de tempo. Dito de outro modo, as expectativas definem a proficiência mínima que se pretende que seja constituída pelo aluno ao final de um processo de ensino específico, o qual pode ser determinado por diferentes períodos de tempo (mês, semestre, ano, segmento de ensino, por exemplo). No caso das expectativas em foco, o período corresponde a cada ano escolar dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

ao definirmos expectativas de aprendizagem, determinamos também o que é preciso ensinar a todos os alunos. Ou seja, ao orientarem o processo de ensino, as expectativas também procuram garantir que todos os alunos tenham oportunidade de aprender as mesmas coisas – ainda que cada um vá aprender de acordo com suas possibilidades pessoais e de acordo com seu repertório anteriormente constituído.

Toda escolha do que se deve ou não ensinar - seja no espaço da sala de aula, seja no âmbito municipal, estadual ou nacional da definição de um currículo - se dá, em primeira instância, em função da orientação política de quem faz essa escolha. Dito em outras palavras, a seleção do conhecimento ao qual o aluno terá acesso é realizada em decorrência das concepções de homem, de ensino, de escola, de sociedade, do lugar que se pretende que o homem ocupe na sociedade, das relações que se deseja que esse homem constitua com os diferentes grupos da sociedade. Trata-se, portanto, de uma escolha guiada pelos valores de quem seleciona, valores estes constituídos historicamente, circunstanciados no tempo e no espaço: uma escolha política.

Exemplo de **capacidade**: Revisar o texto produzido depois de finalizada a primeira



versão, considerando a sua adequação ao contexto de produção definido e correção em relação aos aspectos discursivos e gramaticais. **Procedimentos:** Consultar o dicionário para procurar sinônimos que possam adequar-se melhor às suas intenções de significação ao registro do texto. **Comportamento:** Comentar com o parceiro de trabalho os trechos que marcou para reajustar, explicando as suas razões.